

VIDA VIVIDA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICO-ESTILÍSTICA DO POEMA CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ?

Juliana Pereira Guimarães

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(julianaguimaraespesquisadora@gmail.com)

Resumo

O objetivo deste trabalho constitui uma análise semiótico-estilística do poema *Cora Coralina, Quem é você?*. O referencial teórico-metodológico engloba a teoria da iconicidade verbal de Simões (2019), as premissas da semiótica peirceana e da estilística portuguesa. A justificativa desse estudo reside no fato de vivermos por meio de signos dotados de expressividade e dispormos da capacidade de analisá-los nas aulas de língua. A análise semiótico-estilística nos diversos planos linguísticos (plano sonoro, morfológico, sintático e semântico) nos permite constatar a multiplicidade de isotopias que podem conduzir a um tema do poema.

Palavras-chave: Semiótica; Estilística; Iconicidade Verbal; Cora Coralina.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Juliana Pereira Guimarães

Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-graduada lato sensu em Pedagogia Digital e Inovações Tecnológicas e em Metodologia do Ensino das Línguas Portuguesa e Espanhola pela Faculdade Única. Graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Pedagogia pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Tem interesse em temas de Linguística Aplicada e de Terminologia.



<https://lattes.cnpq.br/204606451413391>



<https://orcid.org/0000-0003-0260-5858>

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

VIDA VIVIDA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICO-ESTILÍSTICA DO POEMA CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ?

Juliana Pereira Guimarães

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(julianaguimaraespesquisadora@gmail.com)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O poema *Cora Coralina, Quem é você?*, de Cora Coralina, foi publicado no livro *Meu Livro de Cordel*, em 1976, onze anos após a primeira edição de *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* (1965).

Cora Coralina, pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, nasceu a 20 de agosto de 1889, na antiga Vila Boa de Goyaz, hoje reconhecida como cidade de Goiás, localizada no estado de Goiás e declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2001. Faleceu aos 95 anos, em 10 de abril de 1985, de pneumonia, em Goiânia. Adotou o pseudônimo, pois na sua cidade, havia muitas mulheres que se chamavam Ana, em homenagem à padroeira Santa Ana. Ela era filha do Desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto e da senhora Jacintha Luiza do Couto Brandão.

Estudou até a terceira série, tendo como única professora Mestre Silvina, que havia alfabetizado a geração de sua mãe. Cabe salientar a existência de uma forte discriminação educacional na sociedade brasileira, sobretudo na goiana, em que os filhos homens estudavam na Europa e as filhas mulheres permaneciam na cidade de Goiás com escassas oportunidades de alfabetização.

Ela começou a escrever muito cedo nos jornais locais. Em 1910, publicou no Anuário Histórico e Geográfico e Descritivo de Goyaz o conto *Tragédia na Roça*, recebendo a sua

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

primeira crítica literária do Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo como a maior escritora do estado de Goiás, apesar de não contar ainda vinte anos de idade (ANDRADE, 2019). Ela era simples, doceira de profissão, tendo vivido longe dos grandes centros urbanos. Alheia a modismos literários, produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás. Saiu da sua cidade em 25 de novembro de 1911 e retornou em 29 de março de 1956.

Em vista do exposto, o objetivo deste trabalho consiste numa análise semiótico-estilística do poema *Cora Coralina, Quem é você?* nos diversos planos linguísticos (plano sonoro, morfológico, sintático, semântico, estilístico). Nossa hipótese de um dos temas centrais do poema é a autobiografia nostálgica.

E para isso, baseamo-nos nas premissas da iconicidade verbal combinadas aos pressupostos teóricos, sobretudo da semiótica peirceana e da estilística portuguesa matossiana. Advogamos que a semiótica com foco na Teoria da Iconicidade Verbal contribui para que as aulas de gramática, apreensão do léxico e interpretação de texto sejam mais significativas, distanciando-se de nomenclaturas e teorias exaustivas e desnecessárias (SIMÕES, 2019; OLIVEIRA, 2021).

Salientamos que a análise literária não é uma ciência exata, mas um aprofundamento linguístico que deve valorizar o contexto de escrita e a polissemia. Na esteira de Iser (1996, p. 14, grifos do autor), a interpretação da literatura, orientada pela estética do efeito, visa à 'função' que os textos desempenham em contextos; à 'comunicação' das experiências que, apesar de não familiares, são, contudo, compreensíveis; e à 'assimilação' do texto, por meio da qual se evidenciam a prefiguração da recepção do texto e as faculdades e competências do leitor por ela estimuladas. O efeito estético deve ser analisado na interação entre texto e leitor, pois apesar de ser motivado pelo texto, requer do leitor atividades imaginativas e perceptivas, a fim de conduzi-lo à produção de sentidos.

Nessa perspectiva, este estudo qualitativo realiza as seguintes ações descritas. Primeiramente, identificamos as isotopias, ou seja, os recortes temáticos no poema. A isotopia pode ser distinta para cada leitor, pois depende de sua interpretação e de seu conhecimento de mundo, contudo é limitada ao léxico do texto.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Em seguida, levantamos as “âncoras textuais” do texto (SIMÕES, 1997, *Apud* SIMÕES, 2019). As âncoras são palavras e expressões ativadas nos textos, as quais atuam como elementos que garantem uma estruturação temática e auxiliam na progressão das ideias do texto. O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma dada comunidade linguística comunicam-se entre si. Tanto na perspectiva da cognição-representação como na perspectiva comunicativa, trata-se sempre da codificação de um saber partilhado, *shared knowledge* (VILELA, 1997, p.31).

Posteriormente, estabelecemos a relação das âncoras textuais com as isotopias e a classificação sígnica do signo verbal (símbolo, índice, ícone), a fim de evidenciar as isotopias. O importante é entender como ocorre a trilha léxica, buscar as isotopias e comprová-las por meio das palavras ou expressões lexicais que as constituem. A pergunta semiótica que deve orientar a investigação estilística é: Por que isso significa o que significa e não outra coisa?

Neste artigo, além da introdução, das considerações finais e da bibliografia, abordamos algumas noções da semiótica peirceana e da estilística, sobretudo portuguesa que fundamentam nossa análise. E, seguidamente, apresentamos a análise e discussão dos dados, conforme os elementos lexicais, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.

NOÇÕES DE SEMIÓTICA E ESTILÍSTICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Não objetivamos traçar um panorama dos estudos estilísticos (MARTINS, 2012) e dos estudos semióticos (SIMÕES, 2021), mas apresentar, brevemente, alguns conceitos fundamentais para a compreensão e análise semiótico-estilística do poema *Cora Coralina, Quem é você?*

Nesse contexto, destacamos que a Semiótica consiste na ciência da significação (semiose), tendo suas primeiras manifestações no Egito, relacionadas à Medicina. A Teoria dos Signos, de Charles Sanders Peirce, postula que os signos não são necessariamente objetos materiais, mas também as cognições, os pensamentos e as ideias. Sob esse viés, o signo é

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

qualquer coisa de qualquer espécie que representa outra coisa (objeto do signo) e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este chamado de interpretante do signo.

Para Peirce, o signo tem uma natureza triádica, quer dizer, ele pode ser analisado: em si, nas suas propriedades internas, ou seja, no seu poder para significar; na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; nos tipos de efeitos que está apto a produzir nos seus receptores, ou seja, nos tipos de interpretação que ele tem o potencial de despertar nos seus usuários. O 'simbolismo', a 'iconicidade' e a 'indexicalidade' são aspectos presentes em todo e qualquer processo sógnico. O que varia é a preponderância de um desses aspectos sobre os outros, como a preponderância do ícone na arte, do símbolo em um discurso científico e do índice nos sinais de trânsito (SANTAELLA & NORTH, 2021, p. 43).

O 'simbolismo' decorre da convencionalidade. O símbolo é um elemento convencionalizado, é um produto de uma convenção. O seu fundamento é uma lei, assim o símbolo está habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele represente (SANTAELLA, 2005, p. 20). Ele pode ser exemplificado tal como as palavras, as frases, os livros, o estandarte, a insígnia, a senha ou o credo religioso.

A 'iconicidade' resulta de uma relação de similaridade estabelecida no ponto de vista do intérprete do signo icônico. O ícone só pode sugerir ou evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a outra qualidade. Podem ser exemplos de signos icônicos a imagem, o diagrama e a metáfora (SANTAELLA, 2005, p. 17).

A 'indexicalidade' depende de uma associação por contiguidade. O índice consegue indicar outro objeto existente, seu objeto dinâmico, com o qual mantém uma conexão existencial. O objeto imediato do índice é o modo particular pelo qual esse signo indica seu objeto, por exemplo, o recorte específico que a foto faz do objeto fotografado. Desse modo, o signo parte de outro existente para o qual o índice aponta e de que o índice é uma parte (SANTAELLA, 2005, p. 20). Um signo é índice quando tem uma conexão física ou existencial com o seu objeto no espaço ou no tempo, e ele atrai a atenção imediata do seu intérprete para esse objeto. (SANTAELLA & NORTH, 2021, p. 65).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

A teoria da iconicidade se preocupa com a potencialidade das palavras e dos signos em geral despertarem imagens na mente do leitor. Simões (2019) aborda a existência de iconicidade lexical (seleção de formas), diagramática (formulação dos sintagmas), isotópica (recorte temático explícito), alta (para quem consegue compreender o enredo) e baixa (para o texto não inteligível). Logo, a autora afirma que a iconicidade é

Uma qualidade de natureza plástico-imagética que pode orientar o olhar do leitor para: a) olhar o texto como um desenho constituído por um traçado complexo em que podem misturar-se as letras das palavras e dos enunciados, formas, cores, posições, figuras etc.; b) circunscrever o texto a um gênero; c) identificar a área de conhecimento em que se inscreve o texto; d) determinar o leitor-modelo potencial para enfrentamento do texto-discurso; e) elevar a boa ou má a formação do texto (SIMÕES, 2019, p. 137)

No que concerne ao ícone, as possibilidades interpretativas são sempre abertas, porque nada no ícone é definitivo. Tudo depende das cadeias associativas que o signo icônico está apto a provocar no intérprete, assim como depende da maior ou menor riqueza do repertório cultural do intérprete que o capacite a inferir as sugestões que, nos ícones, costumam ser férteis.

No que se refere ao índice, as possibilidades de interpretação são fechadas, mesmo ao considerarem os casos de índices que apontam para uma pluralidade de direções. Por ser uma relação dual, na qual signo e objeto estão dinamicamente conectados, o potencial interpretativo dos índices se reduz à ligação existencial de um signo indicando seu objeto ou objetos.

No que tange ao símbolo, as potencialidades interpretativas são inexauríveis. Todo símbolo é incompleto enquanto só funciona como signo porque determina um interpretante que o interpretará como símbolo, e assim indefinidamente (SANTAELLA, 2005, p. 38). Portanto, vimos que enquanto o ícone sugere mediante associações por semelhança e o índice indica via uma conexão de fato existencial, o símbolo representa por meio de uma lei.

Nesse entendimento, os signos são classificados conforme o canal perceptivo. E o signo verbal é uma imagem sonora e visual. Assim, a palavra é um signo verbal que quando oralizada representa ou projeta uma imagem acústica e quando escrita representa uma imagem visual na mente dos falantes. A avaliação da iconicidade de um signo demanda a consideração

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

de seu contexto (enunciado em que figura o signo em observação) e de seu contexto (cenário em que se dá a interação) (SIMÕES; ARAGÃO, 2009, p. 56).

À semiótica interessa tudo o que tem significação: estilística, pragmática, semântica, sintaxe, morfologia, fonologia e por isso pode ser estudada de forma associada a outros estudos, sobretudo da expressividade linguística. Para Bally (1951), a Estilística deve se aplicar a toda a língua, pois um julgamento de valor pode ser feito sobre sons, formas, palavras e construções.

A Estilística estuda o valor afetivo dos fatos da linguagem organizada, e a ação recíproca dos fatos expressivos que concorrem na formação do sistema de meios de expressão de uma língua (BALLY, 1951). Nesse sentido, a Estilística é o ponto de interseção entre língua e literatura.

Ela não se limita aos parâmetros superficiais baseados na concepção greco-latina e estabelecidos pelas Gramáticas Normativas, que compreendem noções de versificação e de figuras de linguagem. Para Marouzeau (1946), esses parâmetros, originados na Retórica, consideram a superfície, estabelecendo as categorias, as figuras, os graus e os gêneros, mas ignoram o mecanismo fundamental, a razão de ser e o verdadeiro significado dos procedimentos.

Svobodová (2008) advoga pela existência da Estilística funcional como disciplina autônoma na Linguística Portuguesa, considerando que no estudo do 'estilema', para a unidade da Estilística:

A divisão vertical da língua traça a divisão vertical do estilema (os níveis linguísticos verticais: fônico, lexical, morfológico, sintático e semântico, sendo a função do estilema desempenhada, respectivamente, pelo fonema, lexema, morfe, sintagma e sema, que, do ponto de vista pragmático-linguístico, podem assegurar tanto a base informativa do discurso como a sua emocionalização (SVOBODOVÁ, 2008, p. 66)

A análise estilística empreendida aqui não se trata da análise de figuras de estilo, mas abrange todo o domínio da língua, conforme as divisões tradicionais da gramática: fonética, morfologia, lexicografia, semântica, sintaxe e estrutura do enunciado. Cada categoria de fatos intervém no juízo de valor sob o aspecto da interação entre leitor e texto. Além disso, a

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

análise icônica escapa da análise puramente linguística e gramatical ou da análise subjetiva sem pistas textuais pautadas no "eu acho que", sobretudo nas aulas de literatura (OLIVEIRA, 2021). Dessa forma, boas escolhas lexicais, sintáticas e morfológicas determinam o potencial icônico do texto.

Simões e Pereira (2005) entendem a Estilística como ciência que estuda os efeitos da afetividade e dos recursos expressivos da língua; os processos de que se servem as línguas para deixar observar a carga emocional que pode acompanhar o enunciado. A Estilística avalia o poder de expressão de cada elemento do texto, verificando se a escolha vocabular se ajusta à situação linguística concreta. Assim sendo, as normas obrigatórias pertencem à Gramática, e as facultativas à Estilística. Em outras palavras, a Estilística viabiliza até mesmo a transgressão deliberada de normas gramaticais em benefício da maior expressividade e comunicabilidade do texto (SIMÕES & PEREIRA, 2005, p. 9).

Em vista dos argumentos apresentados, o que faz com que um texto (em especial, o artístico) surpreenda o leitor é a capacidade do autor para recriar a expressão verbal, reinaugurar a estruturação e a significação verbal e, no texto informativo, prender a atenção do leitor. Por isso não seria possível conceber um estudo completo da expressão linguística sem observar: as nuances estilísticas, o concurso das escolhas e combinações que imprimem no texto, as marcas de expressividade (signos que reapresentam os sentimentos do enunciador) e de impressividade (signos que sugerem sensações e provocam impressões no intérprete ou leitor) (SIMÕES & OLIVEIRA REI, manuscrito, p. 7). A seguir, adentramos na análise semiótico-estilística do poema, tendo em consideração os pressupostos abordados nesta seção e sua ampliação.

O CLAMOR POÉTICO DE CORA CORALINA

O potencial semiótico-estilístico dos fonemas deve ser percebido e examinado pelos falantes da língua, pois a constituição fônica dos vocábulos pode desencadear sensações, ideias e imagens pertinentes ao significado (MONTEIRO, 1991, p. 93), bem como pode ser

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

símbolo, índice e ícone que funciona como âncora de significados textuais na composição do contexto intratextual (SIMÕES, 2006).

Os signos verbais auditivos (acústicos) são convencionados pelo sistema linguístico, podendo indicar e representar isotopias diversas. Em sua análise de índices no nível fônico do conto *Desenredo*, de Guimarães Rosa, Simões (2006) demonstrou que o estudo semiótico-estilístico da fonologia ultrapassa classificações esgotadas, funcionando como elemento propulsor de significados contextuais.

Segundo Nilce Martins (2012), os artistas, poetas e autores são os que melhor apreendem o potencial da expressividade dos sons e que deles extraem um uso mais refinado. Embora a autora defenda que essa apreensão da expressividade, como também a classificação sígnica não podem se restringir apenas a esse público, mas expandir-se aos interessados em analisá-los, pois a “comunicação humana parte dos signos auditivos (ou acústicos) articulados e de suas transposições visuais” (SANTAELLA & NOTH, 2021, p. 13).

Para Câmara Jr. (1978, p. 38), cabe à estilística fônica portuguesa a apreciação do caráter espontâneo expressivo das vogais e consoantes que considere a motivação sonora e a significação representativa das palavras no texto. O linguista considera limitado e precário um estudo que se circunscreve apenas aos fonemas isolados. Diante disso, defendemos que é imprescindível atentar para a oralidade e sua depreciação quanto ao escrito, sobretudo historicamente no Brasil e em sua literatura.

Nilce Martins (2012) expõe um inventário com valores expressivos dos fonemas, com base em Maurice Grammont e Henri Morier, que afirmam que tais valores só se apreendem com mais nitidez na cadeia falada (palavras, frases, textos), sobretudo quando os fonemas são repetidos e postos em evidência. Em vista disso, esses valores podem servir como um exemplo e não como um padrão de análise em que se deve encaixar fonemas e suas significações. Adiante expomos o poema analisado. Ele contém oito estrofes e 69 versos. Como um texto polissêmico, o poema contém uma estrutura reguladora da leitura, a qual permite desvendar vários recortes isotópicos para o texto, sem, contudo, torná-lo “terra de ninguém” onde tudo é permitido (SIMÕES & ASSIS, 2011).

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Cora Coralina, Quem é Você?

[§1]

Sou mulher como outra qualquer.
 Venho do século passado e trago comigo todas as idades.
 Nasci numa rebaixa de serra entre serras e morros.
 “Longe de todos os lugares”.
 Numa cidade de onde levaram o ouro e deixaram as pedras.
 5
 Junto a estas decorreram a minha infância e adolescência.
 Aos meus anseios respondiam as esarpas agrestes.
 E eu fechada dentro
 da imensa serrania
 que se azulava na distância longínqua. 10
 Numa ânsia de vida eu abria o voo nas asas impossíveis do sonho.
 Venho do século passado.
 Pertença a uma geração
 ponte, entre a libertação dos escravos e o trabalhador livre.
 Entre a monarquia 15
 caída e a república
 que se instalava.

[§2]

Todo o ranço do passado era presente.
 A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo. 20
 Os castigos corporais.
 Nas casas. Nas escolas.
 Nos quartéis e nas roças.
 A criança não tinha vez, os adultos eram sádicos aplicavam castigos
 humilhantes.
 Tive uma velha mestra que já havia ensinado uma geração antes da minha.
 25
 Os métodos de ensino eram antiquados e aprendi as letras em livros superados
 de que ninguém mais fala.
 Nunca os algarismos me
 entraram no entendimento.
 De certo pela pobreza que marcaria para sempre minha vida.
 30
 Precisei pouco dos números.

[§3]

Sendo eu mais doméstica do que intelectual,
 não escrevo jamais de forma consciente e raciocinada, e sim impelida por um
 impulso incontrollável.
 Sendo assim, tenho a 35
 consciência de ser autêntica.

[§4]

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Nasci para escrever, mas, o meio, o tempo, as criaturas e fatores outros,
 contramarcaram minha vida.
 Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre
 de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à
 40
 saúde humana.
 Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.
 Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva
 determinada a essa minha tendência inata.
 Talvez, por tudo isso e muito mais, sinta dentro de mim, no fundo dos meus
 45
 reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.
 Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos
 preconceitos do passado.
 Preconceitos de classe.
 Preconceitos de cor e de família. 50
 Preconceitos econômicos.
 Férreos preconceitos sociais.
 [§5]
 A escola da vida me suplementou as deficiências da escola primária que outras
 o Destino não me deu.
 Foi assim que cheguei a este livro sem referências a mencionar.
 55
 Nenhum primeiro prêmio.
 Nenhum segundo lugar.
 [§6]
 Nem Menção Honrosa.
 Nenhuma Láurea.
 [§7]
 Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da
 60
 minha sensibilidade, e este anseio:
 procuro superar todos os dias.
 Minha própria personalidade renovada,
 despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto.
 Luta, a palavra vibrante que levanta os fracos 65
 e determina os fortes.
 [§8]
 Quem sentirá a Vida
 destas páginas...
 Gerações que hão de vir de gerações que vão nascer
 (CORALINA, 1976, p. ?).

Interpretamos que o eu-lírico é assumido pela Cora Coralina, nesse poema autobiográfico. E ela se coloca como sujeito da sua própria história, narra acontecimentos das

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

três fases da sua vida: da sua infância, da sua idade madura e da sua velhice. Além disso, relaciona suas inquietudes, dons, aprendizados e experiências com algumas atitudes alheias, interações e relacionamentos familiares difíceis.

A seguir, examinamos as sequências fônicas das âncoras textuais, sua classificação sígnica e isotopias que apresentam no poema.

	Verso (s)	Âncoras	Comentário	Classificação Sígnica	Isotopias
FONEMAS	v. 11	Numa ânsia de vida eu abri o voo nas asas impossíveis do sonho .	Sequência fônica expressa o (des) equilíbrio do eu-lírico em relação ao fazer poético.	Símbolos da sonoridade. Índices da angústia permeada pelo refúgio criativo/poético. Ícones do clamor poético autobiográfico.	Angústia. Pessimismo. Refúgio.
	v.v. 28-31	Nunca os algarismos me entraram no entendimento . De certo pela pobreza que marcaria para sempre minha vida. Precisei pouco dos números .	Sequência fonêmica sugere as tristezas do eu-lírico.	Símbolos da sonoridade. Índice do lamento do eu-lírico.	Lamentação. Vulnerabilidade socioeconômica. Déficit de aprendizagem matemática.
	v.v. 60-62	Apenas a autenticidade da minha poesia arrancada aos pedaços do fundo da minha sensibilidade , e este anseio : procuro superar todos os dias .	Sugere caracterização da motivação poética.	Símbolo da sonoridade. Índice da sensibilidade motivadora da criação poética. Ícone da fragmentação e profundidade poética do eu-lírico.	Sensibilidade. Empenho. Intimidade.
	v.v. 65-66	Luta , a palavra vibrante que levanta os fracos .	Sugere a bravura e resistência da personagem.	Símbolo da sonoridade. Índice da bravura do eu-lírico na	Batalha. Bravura. Resistência

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

				fluidez temporal. Ícone de resistência.	
--	--	--	--	---	--

Tabela 1 representativa da análise semiótico-estilística dos fonemas
Fonte: Produção da autora.

A tabela 1 apresenta as âncoras textuais aproveitadas ao máximo no valor expressivo que a sua própria configuração fônica propicia pelo seu contato e sentido global.

No verso 11, a combinação das letras e, por consequência, dos fonemas vocálicos /u/, /a/, /i/, /o/, /a/, /u/ expressa a angústia e pessimismo do eu-lírico pela sua liberdade poética, pois não acredita ser possível realizar seu sonho. Contudo, sua aspiração desencadeia um refúgio criativo e poético que lhe permite criar fantasias, conquistas e uma nova vida.

Nos versos 28-31, a sequência dos sons nasais /m/, /n/, nasalizados /aN/, eN/ e oclusivos /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ evidencia o lamento do eu-lírico pela sua vulnerabilidade socioeconômica e pelo seu déficit de aprendizagem matemática. Assim, em sua vida não houve a necessidade de fazer grandes contas matemáticas, administrar grandes coisas e esse pouco contato com números foi causado somente pela falta de algo contável.

Nos versos 60-62, a associação dos fonemas vocálicos /i/ e /o/ revela a sensibilidade do eu-lírico como fator motivador de sua criação poética. Além disso, representa a fragmentação e a profundidade poética do eu-lírico ao compor um tipo de poesia autêntica e dolorosa. O eu-lírico realiza uma confissão sobre o seu fazer poético, com consciência dessa necessidade de escrever como uma característica inata e vocacional, embora o meio e as circunstâncias de sua vida não tenham sido favoráveis.

Nos versos 65-66, a sequência de sons bilabiais, labiodentais com constrictivas laterais e vibrantes /p/, /b/ /t/, k/, /v/, /l/, /r/, demonstra a pujança do eu-lírico na sua caminhada para vencer as dificuldades e assim conquistar seu reconhecimento no deslizamento do tempo.

Portanto, nem os fonemas, nem as sensações funcionam isoladamente. Os nomes evocam, pela sua própria constituição fonológica, elementos de ordem afetivo-sensorial que nos fazem supor uma vinculação espontânea entre o som e o sentido. Cada ordem de

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

sensações é sugerida por fonemas específicos, em virtude de correspondências articulatórias ou impressões acústicas (MONTEIRO, 1991, p. 99).

AS MEMÓRIAS E A NARRAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA DE CORA CORALINA

O estudo estilístico-semiótico dos processos de formação de palavras e da morfologia nominal e verbal é extremamente relevante para a interpretação textual. Devemos reconhecer a potencialidade expressiva e sónica desses processos e respectivos componentes, visto que eles podem evocar imagens, afetos, sensações e atuar como símbolo, índice e ícone pertinentes à significação. Para Melo (1976), a morfologia portuguesa é muito mais rica, e a ordem das palavras muito mais livre.

Câmara Jr. (1978, p. 60-61) constatou a existência de uma tonalidade afetiva para os sufixos, pois um grupo de vocábulos da mesma configuração mórfica contamina o elemento formador. Para o linguista, certos sufixos são poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo se resume a isso. Os sufixos são essencialmente elementos de formação vocabular, e a sua posição muito mais mórfica do que semântica oferece uma “vacuidade nocional” facilitadora do fenômeno da saturação afetiva, como também torna muitos sufixos portugueses vigorosos elementos estilísticos.

O léxico e seus processos morfológicos devem ser estudados, ainda que relacionados à semântica e à sintaxe, pois a formação de palavras atende às necessidades expressivas de falantes e escritores. A derivação sufixal, por exemplo, é o processo de maior vitalidade, quer pelo grande número de sufixos da língua, quer pela variedade de conotações que muitos deles permitem sugerir (MARTINS, 2012, p. 145).

Analisamos o intercâmbio entre palavras primitivas e derivadas, funcionando como âncoras textuais, com sua classificação sónica e isotopias. Essas âncoras se mostram relevantes para a interpretação, pois o eu-lírico vive uma geografia, pertence a uma classe social determinada, estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem e apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas. Assim, ocupa um

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

espaço que não é só geográfico, mas também de valor social, ou seja, ela é valorizada segundo os padrões e estereótipos do seu contexto familiar.

	ESTROFE	ÂNCORAS TEXTUAIS	COMENTÁRIO	CLASSIFICAÇÃO SÍGNICA	ISOTOPIAS
PRIMITIVAS DERIVADAS	1	serra longe serrania longínqua azulava	Intercâmbio entre palavras primitivas e derivadas expressa o relacionamento entre o eu-lírico e a espacialidade.	Símbolos do sistema lexical da língua portuguesa. Índices da descrição/localização socio-geográfica: paisagem e lugar. Ícones de isolamento e aprisionamento.	Localização. Isolamento. Aprisionamento.
	2	∅			
	3	Autêntica			
	4	reserva, reservatório			
	5	∅			
	6	∅			
	7	Autenticidade			
	8	∅			

Tabela 2 representativa da análise semiótico-estilística das palavras primitivas e derivadas

Fonte: Produção da autora

A tabela 2 reúne as palavras primitivas e suas derivadas que expressam a descrição e a localização sociogeográfica. O eu-lírico se situa numa espécie de prisão geográfica-cultural construída pelos elementos geográficos (as serras e as escarpas agrestes), mas também pela

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

prática do extrativismo que devastou o meio socioambiental, disseminou pobreza e déficits de subsistência.

A personagem considera que essa paisagem incita seu isolamento social e sendo assim não seria o seu lugar de poetizar, de realizar seus sonhos de escritora. A origem modesta justifica-se como obstáculo sociogeográfico para desenvolver sua inteligência/dom poética/o. Sua cidade é caracterizada pelo déficit econômico, decorrente da invasão e do roubo de ouro, restando-lhe as pedras, ou seja, as limitações e os obstáculos na sua infância e adolescência.

Em seguida, em vista da pluralidade de valores expressivos de tempos e formas verbais (MONTEIRO, 1991), transponhamo-nos da análise de palavras primitivas e derivadas à das formas verbais. Monteiro (1991) ratificou que o estudo desses valores é de âmbito mais estilístico que gramatical, em razão da relatividade das regras que sempre esbarra numa série de possibilidades de escolhas. Desse modo, “os tempos verbais são utilizados para marcar volições ou estados emotivos comumente” (MONTEIRO, 1991, p. 69).

Além disso, examinamos os verbos e locuções adverbiais, focalizando os sufixos modo-temporais, tendo em vista as seguintes ocorrências: 16 formas no presente do indicativo; 17 formas no pretérito perfeito do indicativo; 10 formas no pretérito imperfeito do indicativo; 1 locução verbal no pretérito mais-que-perfeito do indicativo; 1 verbo no futuro do presente do indicativo; 1 perífrase de futuro do indicativo; 4 verbos no infinitivo.

Adiante, destacamos a recorrência desses vocábulos como âncoras textuais que funcionam como símbolo, índice e ícone a depender do potencial sígnico, como também evocam diversos recortes temáticos (isotopias) do poema, auxiliando na interpretação.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

VERBOS								
ESTROFE S	1	2	3	4	5	6	7	8
ÂNCORAS TEXTUAIS	PRESENTE sou venho (2x) trago pertenc o	PRESENTE fala	PRESENTE Sendo Escrevo Tenho	PRESENT E Sou está ligada ser sinta	PRESENT E o	PRESENTE o	PRESENTE procur o supera r é levanta determ ina	FUTURO Senti rá Hão de vir Vão nasce r
	PASSADO nasci abri levaram deixaram decorreram respondiam azulava instalava	PASSADO tive aprendi precisei era tinha eram aplicavam havia ensinado	PASSADO o	PASSADO Nasci para (eu) escrever recebi sobrevivi contramarcaram houve	PASSADO Suplementou deu foi cheguei	PASSADO o	PASSADO o	

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

		eram entrar am marcar ia						
COMENTÁRIO: Expressam a trajetória temporal do poema.								
CLASSIFICAÇÃO SÍGNICA: Símbolos dos tempos passado, presente e futuro. Índices da conexão e ruptura entre o passado, o presente e o futuro da Cora Coralina. Ícones da nostalgia, da memória e do destino.								
ISOTOPIAS: Trajetória. Nostalgia. Memórias. Dilema. Destino								

Tabela 3 representativa da análise semiótico-estilística dos verbos

Fonte: Produção da autora

A tabela 3 indica que os vocábulos expressam as idas e vindas do eu-lírico no tempo. A apreciação dos sufixos modo-temporais denota que o eu-lírico procura no presente superar seu passado. O modo indicativo aponta para ações tidas como verossímeis. O tempo presente conduz a trajetória da personagem até a escrita do poema. O tempo passado induz à nostalgia daquilo que já foi vivenciado e não superado pelo eu-lírico. Além disso, tal tempo representa as memórias persistentes que fazem parte da sua biografia e a afetam no presente. Assim, o eu-lírico se vê num dilema entre passado e presente.

O tempo futuro simples/perifrástico indica uma projeção do destino sobre a leitura da sua poesia. Na criação de seu poema, Ana torna-se Cora, uma personalidade renovada, e está em processo de superação das fases de Aninha.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Adiante, investigamos os verbos e locuções adverbiais, focalizando as desinências número-pessoais, tendo em vista suas (não) ocorrências nas estrofes que sinalizam as isotopias do poema. Reiteramos alguns verbos e locuções que funcionam como âncoras na figura abaixo.

VERBOS								
E S T R O F E	1	2	3	4	5	6	7	8
Â N C O R A S T E X	Cora Coralina sou venho (2x) trago pertença sou pertença nasci abri	Cora Coralina tive aprendi precisei	Cora Coralina Sendo Escrevo Tenho	Cora Coralina Nasci para (eu) escrever sou recebi sinta sobrevivi	Cora Coralina cheguei	Cora Coralina ∅	Cora Coralina procuro superar	Cora Coralina ∅

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

T U A I S	Outros levaram deixaram decorreram respondiam azulava instalava	Outros era tinha eram aplicavam havia ensinado eram fala entraram marcaria	Outros ∅	Outros contramarcaram está ligada ser houve	Outros suplementou deu foi	Outros ∅	Outros É levanta determina	Outros Sentirá Hão de vir Vão nascer
COMENTÁRIO: Expressam a caracterização das personagens: Cora Coralina e o coletivo.								
CLASSIFICAÇÃO SÍGNICA: Símbolos das pessoas (gramaticais) primeira pessoa do singular e primeira e terceira pessoa do singular/plural. Índices da identidade e alteridade. Ícones do protagonismo e da submissão.								
ISOTOPIAS: Autobiografia. Transição. Protagonismo. Vivência.								

Tabela 4 representativa da análise semiótico-estilística dos verbos

Fonte: Produção da autora

A tabela 4 alude à investigação dos vocábulos e suas desinências número-pessoais que sugerem a transição entre o protagonismo e a submissão de Cora Coralina. Nas suas

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

vivências/expectativas, há um jogo antagônico entre identidade e alteridade. O eu-lírico caracteriza-se como uma mulher comum, simples e universal que se assemelha às outras mulheres. Inicialmente, ela protagoniza o processo criador de versos, a biografia de si mesma originada do subconsciente que a impulsiona a escrever nunca de forma mecânica ou forçada, tendo assim certeza de sua autenticidade. Segundo Campos (1992, p. 83), “todo texto autobiográfico é o resultado de algum tipo de necessidade ou demanda interior do escritor”. De fato, quem escreve as suas próprias memórias, seja narrativa ou poesia, o faz por uma necessidade de expressar-se ou ainda perpetuar a própria história.

Esse estudo destaca a origem da personagem: veio do século passado e viveu todas as idades. Embora tais dados não estejam explícitos, a partir das âncoras textuais, é possível inferir o século XX como século passado devido à data da criação e da publicação do poema, bem como que ela seja uma senhora-mulher-menina, a qual jamais abandonou as fases de sua vida; acumulou-as e as fez coexistirem na idade madura.

A submissão de Cora Coralina inicia-se a partir da 5ª estrofe, na qual há redução significativa dos vocábulos na primeira pessoa gramatical. A protagonista Cora cede a cena aos personagens coadjuvantes, representados pela terceira pessoa gramatical. Tais agentes externos correspondem aos outros (as obrigações, a família e a sociedade) que sufocaram sua vocação. Mas tais adversidades não impediram que a poesia aflorasse em sua maturidade, desta feita como um “impulso incontrollável”, cuja fonte não foi capaz mais de estancar. Com todos os impedimentos e preconceitos, sofrendo com as tentativas de aplacar o dom, ela chegou a desejar nunca o ter possuído. Desejou não saber escrever, para não desenvolver esse dom e evitar preconceitos e o próprio sofrimento que a consumia, o anseio de libertar a sua poesia, suas reflexões e criações.

CONTINUUM DA (IN/ INTER) DEPENDÊNCIA DAS AÇÕES VIVIDAS E ATUADAS POR CORA CORALINA E O COLETIVO

A análise semiótico-estilística no nível sintático permite interpretar as potencialidades expressivas e sígnicas dos processos de articulação de sentenças. Na sintaxe, quem fala ou escreve escolhe entre os tipos de construções, obedecendo a um número mais ou menos

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

restrito de regras rígidas (MARTINS, (2012), p. 164). Assim, essa escolha deve ser considerada e analisada como produtora de significação no texto.

De uma pluralidade de meios de expressão, a poeta escolhe sentenças “que surpreendem e encantam, que geram um acúmulo de evocações.” (MONTEIRO, 1991, p. 48). O título do poema é uma frase interrogativa *Cora Coralina, Quem é você?* simultaneamente “emotiva”, por exprimir o desejo da poeta de saber alguma coisa, “podendo ir de uma discreta curiosidade a uma intensa ansiedade” e “apelativa”, visto que “atua sobre o interlocutor do qual se espera uma resposta” (MARTINS, 2012, [1989], p. 165). Essa interrogação sugere a intenção de relatar sobre a história de vida, personalidade e conflitos do eu-lírico. Como poeta, o eu-lírico intencionalmente narra sua história.

Seguidamente, analisamos as pistas linguísticas, ou melhor, a quantificação dos processos de articulação de sentenças (justaposição, coordenação, subordinação, hipotaxe e correlação), contidas em cada estrofe.

JUSTAPOSIÇÃO				
Estrofe	Pistas linguísticas	Comentário	Classificação Sígnica	Isotopia
1	11 justaposições	Denotam as ações cotidianas.	Índice da autonomia das ações cotidianas.	Ações cotidianas/ Cotidiano.
2	8 justaposições			
3	∅			
4	9 justaposições			
5	2 justaposições			
6	∅			
7	1 justaposição			

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

8	2 justaposições			
---	-----------------	--	--	--

Tabela 5 representativa da análise semiótico-estilística das sentenças justapostas.

Fonte: Produção da autora

Consoante a investigação, a tabela 5 indica que, exceto pelas terceira e sexta estrofes, todas as outras apresentam a recorrência de justaposição, totalizando 33 construções no poema. A justaposição é um processo sintático caracterizado pela autonomia sintática entre as orações, pela ausência de conector introduzindo essas orações, pela interdependência semântica entre elas, pela pausa (fator prosódico) intercalada entre as orações e pelo estabelecimento de noções semântico-pragmáticas (RODRIGUES, 2021 p. 375).

Argumentamos que a recorrência desse tipo de articulação expressa um convite às ações do cotidiano representadas por sentenças simples. Assim, as sentenças complexas estruturadas por justaposição constituem a maioria da composição do enredo.

COORDENAÇÃO/PARATAXE				
Estrofe	Âncoras	Comentário	Classificação Sígnica	Isotopias
1	3 coordenadas Aditivas	Expressam as ações espontâneas.	Índice da Oralidade. Ícone de ações espontâneas.	Espontaneidade. Oralidade
2	1 coordenada aditiva			
3	1 coordenada aditiva 1 coordenada conclusiva			
4	1 coordenada adversativa 1 coordenada			

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

	conclusiva			
5	∅			
6	∅			
7	2 coordenadas aditiva			
8	∅			

Tabela 6 representativa da análise semiótico-estilística das sentenças coordenadas

Fonte: Produção da autora

Conforme a investigação representada pela tabela 6, o poema apresenta 9 ocorrências de coordenação ou parataxe. Matos e Raposo (2013, p. 1753) ponderam que a coordenação ocorre sobre constituintes de nível linguístico idêntico e combina-os através de um conector. Assim, a coordenação integra-se na classe mais vasta dos processos paratáticos (parataxe), caracterizados por combinarem unidades gramaticalmente idênticas ou semelhantes que se equivalem no mesmo nível hierárquico de estrutura sintática.

As construções coordenadas ou paratáticas consistem na segunda maior parte da composição textual. Apenas as quintas, sextas e oitavas estrofes não apresentam tais construções. Sua reincidência indica a proximidade do cotidiano e do viés oralizante do poema.

SUBORDINAÇÃO				
Estrofe	Âncoras	Comentário	Classificação Sígnica	Isotopias
1	2 subordinadas adjetivas restritivas	Evidenciam a afetividade.	Símbolo de dependência.	União.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

2	2 subordinadas adjetivas restritivas		Índice de integração e particularização. Ícone de união.	Dependência. Particularização. Afetividade.
3	∅			
4	1 subordinada adjetiva restritiva			
5	∅			
6	∅			
7	∅			
8	∅			

Tabela 7 representativa da análise semiótico-estilística das sentenças subordinadas

Fonte: Produção da autora

A tabela 7 espelha a reincidência das 5 subordinadas adjetivas restritivas no poema, precisamente na primeira, segunda e quarta estrofes do poema. A subordinação é um processo sintático de articulação de sentenças que envolve encaixamento. As sentenças são constituintes umas das outras como as completivas (substantivas) e as relativas restritivas (adjetivas restritivas) (RODRIGUES, 2021, p. 362).

Tais ocorrências evidenciam ações particularizadas e com uma carga maior de afetividade. Uma delas destaca a transição entre a Monarquia e a República, um período que estabeleceu mudanças financeiras, econômicas e políticas no Brasil. Uma geração dividida por ideologias, algumas pessoas seriam conforme os fatos e viam as mudanças como melhorias, já outras discordavam.

Outros processos sintáticos de articulação de sentenças são evidenciados em menor número: 2 hipotáticas adverbiais (modo e condição) e 2 correlativas comparativas.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

As adverbiais são casos de hipotaxe, porque não são argumentos nem do verbo e nem de outra oração, mas se combinam com elas, a fim de indicar noções semântico-pragmáticas (RODRIGUES, 2021, p. 363). A correlação, cuja interdependência sintática e semântica, evidencia uma imbricação entre as orações em que nenhuma subsiste sem a outra (RODRIGUES, 2021, p. 363).

As duas hipotáticas indicam a associação entre ações modais e condicionais. As duas correlativas comparativas evidenciam a inseparabilidade de ações profissionais. Assim, passa-se de uma linguagem lógica para um discurso afetivo, um tom sentimental à relação de causalidade (MONTEIRO, 1991, p. 50).

Portanto, tais construções evidenciam a sucessão de acontecimentos dependentes, independentes e interdependentes do enredo não linear, ou seja, enredo que não encadeia os fatos sucessivamente, utilizando o recurso do *flashback*.

SABERES E PROFISSÕES DE CORA CORALINA

A análise semiótico-estilística no nível semântico possibilita a interpretação de significados expressivos. O mais importante é que, ao significado propriamente dito da palavra, se adjunge em cada palavra uma tonalidade afetiva resultante de uma sensação convencionalizada do ser designado. As sensações causadas pelo léxico não são iguais para todos os indivíduos, assim não resultam numa tonalidade heterogênea e incerta, no sentido absoluto, porque se dá na língua como decantação de sensações (CÂMARA JR., 1978, p. 50-51).

Nesse sentido, a importância do conceito de hiponímia é revelada pela constatação de que as palavras se agrupam na base de certas relações. A relação de implicação possibilita a apreensão dos traços componentes do significado, ensejando a formalização dos sistemas lexicais (MONTEIRO, 1991, p.159).

Adiante, analisamos os hiperônimos e hipônimos, como âncoras textuais, apresentados no poema.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

HIPERONÍMIA				
Estrofe	Âncoras	Comentário	Classificação Síglica	Isotopias
1	0		Índices de profissionalismo e de educação. Ícones da mulher trabalhadora, da simplicidade, da sabedoria.	Sabedoria. Simplicidade. Profissionalismo. Atividades ocupacionais. Ensino.
2	Sádicos> castigos corporais e humilhantes Métodos de ensino antiquados> livros superados Números > Algarismos			
3	0			
4	Cozinheira> doceira Escritora > literata Vida > saúde humana Escola da vida > escola primária			

Tabela 8 representativa da análise semiótico-estilística das palavras

Fonte: Produção da autora

A tabela 8 salienta a sabedoria e simplicidade do eu-lírico para lidar com adversidades, principalmente, matemáticas, tal como em ‘números e algarismos’. Ela valorizava o saber construído com as prática e vivências na escola, na vida e nas profissões de doceira e escritora, como exposto pelo par hiperônimo ‘escola da vida e escola primária’.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

A hiperonímia consiste numa relação hierárquica de inclusão semântica entre duas unidades lexicais, partindo do genérico (hiperônimo) para o específico (hipônimo). O primeiro impõe suas propriedades ao segundo. O hiperônimo pode substituir qualquer de seus hipônimos, mas o contrário não é possível. Segundo Lyons (1979, p. 483), esse tipo de relação de sentido entre termos nos permite ser mais “genéricos ou mais específicos conforme as circunstâncias”. Os hiperônimos, portanto, são termos mais genéricos, pois sua significação pode abarcar elementos pertencentes à mesma classe.

A hiperonímia entre ‘métodos de ensino antiquados e livros superados’ evidencia a crítica à sua alfabetização que dispunha de uma metodologia e livros ultrapassados. O método desconsiderava seus conhecimentos prévios e socializados e impunha o ensino de leitura e o ensino de matemática descontextualizados e mediados pela punição severa.

A sua mestra ensinava gerações distintas com os mesmos métodos e materiais inapropriados, incapazes de trabalhar a variação linguística e o léxico, bem como de relacionar os conhecimentos científicos aos conhecimentos do senso comum. O ensino desconsiderava que em uma mesma família de uma mesma região, os avós falam diferente dos filhos e dos netos (BORTONI RICARDO, 2004).

Diante disso, realçamos a falência da escola em reconhecer a variação diacrônica (histórica), diatópica (regional), diastrática (social), e diafásica (situacional).

O uso da linguagem na escola gera discriminações e fracassos, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada — a norma culta. Dessa forma, a escola da vida como uma metáfora de lugar de aprendizagem, possibilitou-lhe aprender a escrever poesia. Cora confirma que as suas experiências de vida: preconceitos, anseios, sonhos, afazeres domésticos, afazeres prediletos foram como uma ponte que a encaminharam na criação da obra deste livro. Segundo Soares (2006), nossas escolas continuam longe de ser uma escola para todos, por terem se mostrado incompetentes para lidar com a educação das camadas populares, acentuando cada vez mais as desigualdades sociais.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Além disso, podemos constatar que a vida também lhe oportunizou diversas ocupações profissionais. O hiperônimo profissão impõe suas propriedades semânticas aos seus hipônimos cozinheira, doceira, escritora, literata. O eu-lírico considera essas profissões num contínuo de especificidade/hierarquia: cozinheira > doceira; escritora > literata, pois se considera a profissional responsável pela preparação de refeições e pratos culinários, mas também a profissional que fabrica ou comercializa doces. Ademais, considera-se a profissional que escreve, mas ainda a profissional que escreve obras literárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, discorreremos sobre uma análise semiótico-estilística do poema Cora Coralina, Quem é você?, nos diversos planos linguísticos: plano sonoro, morfológico, sintático e semântico. Em vista dessa abordagem analítica, interpretamos diversas isotopias, a fim de indicar uma possibilidade de centralização temática via recursos linguísticos. Essa centralização pode ser a autobiografia aprofundada e poética de Cora Coralina. O texto é o processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experiência pelo leitor. (Iser, 1996, p. 13).

Em vista dessa abordagem analítica, interpretamos diversas isotopias, a fim de indicar uma possibilidade de centralização temática via recursos linguísticos. Essa centralização pode ser a Autobiografia aprofundada e poética de Cora Coralina.

No entanto, é importante destacar a multiplicidade isotópica mencionada no estudo e sua aplicabilidade em sala de aula, bem como considerar que é uma leitura possível (dentre as inúmeras), e que deve descolar-se da ideia de objetivo do autor. Nesse contexto, qualquer leitura, desde que baseada em mecanismos estilísticos formais, é possível.

Embora a análise realizada apresente limitações, percebemos sua importância para a interpretação da configuração sígnica, expressiva e icônica, como também, dos estilemas do poema.

Constatamos que a combinação de conceitos e modelos da Estilística e da Semiótica nos permite enfrentar a pluralidade de atividades interpretativas, imaginativas e perceptivas

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

forjadas na interação entre leitor e texto. E esperamos que esse trabalho possa contribuir com pesquisas futuras acerca da semiótica e estilística.

Acreditamos ter rechaçado a ideia de que uma análise semiótica e estilística ou de ambas se reduz à análise de figuras de linguagem, de noções de versificação ou do estilo do autor e de determinada corrente literária. Essa análise vai além do que preconiza os manuais existentes no português de como escrever e falar corretamente, unido a visão conotativa e denotativa.

Ademais, entendemos que qualquer palavra é símbolo originalmente e quando inserida num texto ela pode ganhar outros valores. E a palavra genuinamente simbólica, pode se tornar icônica ou indicial no texto. Logo, os fonemas, os morfemas, as orações, os sentidos são convencionados no sistema da língua, mas seus arranjos e disposições num texto permitem que eles adquiram múltiplos e diversos valores afetivos e estéticos, icônicos e indiciais.

Dentre as diversas contribuições que possam resultar deste estudo, notamos as possibilidades de melhorias incrementais sobre a temática na formação inicial e formação continuada de professores, além da “ampliação do repertório lexical discente e docente de Letras” (SIMÕES; ARAGÃO, 2009, p. 52). Ademais, destacamos a possível adaptação dessa análise em uma atividade didática seja no ensino básico, seja no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mislainy Patricia de. **Cora Coralina e Mary Oliver: a poesia nos diferentes solos e contextos à luz da ecocrítica**. 2019. Tese. Doutorado em Literatura. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

BALLY, Charles. **Traité de Stylistique Française**. 3. ed. Paris: Klincksieck, 1951.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CAMPOS, Marta. **O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava**. Fortaleza: UFC, 1992.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MAROUZEAU, Jules. **Précis de stylistique française**. 2.ed. Paris: Masson. 1946.

MARTINS, Nilce Sant' Anna. **Introdução à Estilística**: A Expressividade na Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MATOS, Gabriela. RAPOSO, Eduardo Brizaglo Paiva. Estruturas de coordenação. *In*: RAPOSO, Eduardo Brizaglo Paiva et al. **Gramática do português** Lisboa. FLG, 2013. p. 1759 -1820.

MELO, Gladstone Chaves de. **Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Nacional, 1979.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Subordinação, correlação, hipotaxe, justaposição e parataxe. *In*: Juliana Esposito Marins; Mônica Tavares Orsini; Silvia Regina de Oliveira Cavalcante. (Org.). **Contribuições à descrição e ao ensino do Português Brasileiro**: da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe - uma homenagem a Maria Eugênia Lammoglia Duarte. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, v. 1, p. 355-384.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. **Introdução à semiótica**. 1.ed. Paulus Editora, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SIMÕES, Darcilia; OLIVEIRA REI, Claudio Arthur. **Reflexões e propostas sobre o ensino da estilística**. Prelo.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

SIMÕES, Darcilia. Rastreado as teorias semióticas: um projeto de estratégias técnico-pedagógica. In: SILVA, Stela Marins da (Org.). **Linguística, letras e artes: limitações e limites**. Ponta Grossa: Antena, 2021.

SIMÕES, Darcilia. **Para uma Teoria da Iconicidade Verbal**. 1. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019.

SIMÕES, Darcilia; ASSIS, Eleone F. de. Para o enriquecimento do repertório discente. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1, 2011.

SIMÕES, Darcilia Marindir Pinto; ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Vocabulário e competência expressional à luz da iconicidade. **Revista Educação & Tecnologia - CEFET-MG**, v. 14, n. 2, 2009.

SIMÕES, Darcilia. A construção fono-semiótica dos personagens de Desenredo de Guimarães Rosa. In __. **Considerações sobre a fala e a escrita**. Fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006. p. 77-90.

SIMÕES, Darcilia; PEREIRA, Juliana. **Novos Estudos estilísticos de I-Juca-Pirama (Incursões semióticas)**. E-book. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SVOBODOVÁ, Iva. Estilística e a sua posição dentro do contexto da linguística portuguesa. **Études romanes de Brno**, v. 38, n. 1, p. 57-67, 2008.

OLIVEIRA, Rosane Reis de. Análise semiótica de textos literários com o fim na sala de aula. **Caderno Seminal**, v.37, n.37, 2021.

VILELA, Mário. Estudos de Lexicologia do Português. Coimbra: Almedina, 1997.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

LIFE LIVED: A SEMIOTIC-STYLISTIC ANALYSIS OF THE POEM *CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ?*

Juliana Pereira Guimarães

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(julianaguimaraespesquisadora@gmail.com)

ABSTRACT

The objective of this work constitutes a semiotic-stylistic analysis of the poem *Cora Coralina, Quem é você?*. The theoretical-methodological reference includes the theory of verbal iconicity by Simões (2019), the premises of Peircean semiotics, and Portuguese stylistics. The justification for this study resides in the fact that we live through expressive signs and can analyze them in language classes. Semiotic-stylistic analysis of the various linguistic levels (sound, morphological, syntactic, and semantic) allows us to see the multiplicity of isotopias that can result in a poem's theme.

Keywords: Semiotic. Stylistic. Verbal Iconicity. Cora Coralina.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

VIDA VIVIDA: UN ANÁLISIS SEMIÓTICO-ESTILÍSTICO DEL POEMA *CORA CORALINA, QUEM É VOCÊ?*

Juliana Pereira Guimarães

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

(julianaguimaraespesquisadora@gmail.com)

RESUMEN

El objetivo de este trabajo constituye un análisis semiótico-estilístico del poema *¿Cora Coralina, Quem é você?*. El referencial teórico-metodológico incluye la teoría de la iconicidad verbal de Simões (2019), las premisas de la semiótica peirceana y la estilística portuguesa. La justificación de este estudio se encuentra en el hecho que vivimos a través de signos expresivos y tenemos la capacidad de analizarlos en las clases de lengua. El análisis semiótico-estilístico en los diferentes planos lingüísticos (sonoro, morfológico, sintáctico y semántico) permite observar la multiplicidad de isotopias que pueden conducir a un tema del poema.

Palabras-clave: Semiótica. Estilística. Iconicidad verbal. Cora coralina.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 15	n. 2	1-35
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about